



FACHADA DO MUSEU DA SOLIDARIEDADE SALVADOS ALLENDE COM BANDEIRA VERMELHA DE ANTONIO DIAS (1972/2013). FOTO: CAROL ILLANES

## **POR MUSEUS DA SOLIDARIEDADE**

André Leal

O Museu da Solidariedade Salvador Allende é um tipo de acontecimento inigualável na história da arte internacional. Criado no Chile em 1971-1972 a partir da busca do presidente chileno por divulgar as conquistas de seu governo internacionalmente, dentro do marco da *Operación Verdad*, foi gestado por Mário Pedrosa, então exilado no país, junto com o crítico espanhol José María Moreno Galván e o pintor e senador italiano Carlo Levi. Para tanto formaram o Comitê Internacional de Solidariedade Artística com Chile – C.I.S.A.C., que reuniu nomes como Dore Ashton, Giulio Carlo Argan e Louis Aragon entre outros, além dos três já mencionados.<sup>1</sup> O C.I.S.A.C. funcionou como uma rede para buscar doações de artistas de renome e emergentes do mundo inteiro, servindo como uma plataforma curatorial na reunião das obras. Com apoio de diversas personalidades internacionais, como Harald Szeemann que pediu doações para os artistas participantes da Documenta 5, por exemplo, foi reunido um amplo – e pouco coerente, diga-se de passagem – acervo de países do mundo inteiro, tendo como obra mais emblemática a pintura de um galo doada por Joan Miró.

Para além do apoio dos “artistas do mundo” a um regime político em particular, a “via chilena para o socialismo”, como colocado por Allende, estava em jogo uma ideia de política “no mais alto sentido do termo, quer dizer, em um sentido eminentemente ético, humanista e libertário”, como afirma a ‘Declaração Necessária’ do C.I.S.A.C., de 1971.<sup>2</sup> Assim, pensar política a partir da ideia de solidariedade internacional de produtores culturais com um projeto de libertação nacional de um país de Terceiro Mundo é também ressignificar hoje a relação entre arte e política, tomando como exemplo um evento único na história da arte mundial. Uma rede de afetos internacional criada em torno da resistência a um projeto nacional sob constante ataque do imperialismo internacional, que iria reforçar tanto esse apoio quanto a necessidade de uma transformação total da sociedade, da qual a cultura não poderia estar ausente.

O Museu da Solidariedade se relaciona também com outros movimentos chilenos que buscavam tanto levar a arte dita culta ao povo quanto promover as artes produzidas pelo próprio povo, em iniciativas nos Museu de Arte Contemporânea e Museu de Belas-Artes, ambos em Santiago. Dois importantes movimentos no sentido de levar arte diretamente para os rincões do país foram realizados em 1970: *El pueblo tiene arte con Allende*, exposição montada em barracas que circulou o país, e o *Tren de la cultura*, que levava diversas manifestações artísticas ao interior do país e servia também de fórum de debates para a formulação do Instituto Nacional de Cultura – Inac. O MS foi aberto ao público em 1972 em meio à conferência da UNCTAD III realizada em Santiago e durou pouco tempo, já que as forças golpistas logo se levantariam contra o governo Allende até sua deposição e assassinato em setembro de 1973. As obras doadas não puderam ser recuperadas, apesar dos esforços do C.I.S.A.C., e só na década de

---

<sup>1</sup> Ver Macchiavello, Carla. Un caso de resistencia colectiva: el Museo de la Solidaridad Salvador Allende. In: *A los artistas del mundo... Museo de la Solidaridad Salvador Allende, México/Chile 1971-1977* [catálogo de exposição]. Cidade do México: Editorial RM, 2016: 34.

<sup>2</sup> Ver nas páginas que seguem deste dossiê.





EL PRESIDENTE ALLENDE Y MARIO PEDROSA

Vista de la inauguración de la primera exposición del Museo de la Solidaridad. El profesor Pedrosa muestra al Presidente Allende una de las obras enviadas a Chile.

## El pueblo de Chile debe poner en marcha el Museo de la Solidaridad

Cuatrocientos cuatro obras de famosos artistas contemporáneos han sido enviadas por el famoso Iaral Szemann, director de la Bienal de Berna, Suiza.

Ese importante conjunto destinado al Museo de la Solidaridad se obtuvo luego que Szemann hizo el siguiente llamado:

— "Mario Pedrosa, crítico de arte y museólogo brasileño que pidió asilo en Chile trata de crear en su país de adopción un Museo de la Solidaridad de artistas de todos los continentes, solidaridad con ese país y con su ventura actual. Seiscientas obras, entre las cuales hay de Miró, Calder, Casarely, Stella, han arribado ya a Santiago. Mario Pedrosa me ha pedido estimular a los artistas de Documenta. Cinco y otros amigos artistas para contribuir a esta tarea con el fin de crear a través de sus obras las actividades y la colección que por sí sola justifique a nueva construcción del museo".

El llamado de Szemann tuvo una acogida inespada y la solidaridad con Chile se manifestó ampliamente.

Entusiasmado, llegó desde

Ginebra, con fecha 14 de diciembre, otra carta de un ambiente intelectual, destinada a Pedrosa:

— "Mi querido amigo: Tengo la satisfacción de comunicarte que hice entrega ayer al Embajador de Chile de las siguientes obras destinadas al Museo de la Solidaridad:

Una escultura de Angel Duarte (32 Avenue Saint Francois, Sion, Suiza).

Una escultura de Julian Snelting.

Un óleo de Marina Blazek (9 Avenue du Lignon 1211 Aire, Ginebra, Suiza).

Un pastel de Albert Lassueur.

Dos aguafuertes de Arnold Cross.

Tres serigrafías de Geratid Ducimetiere.

Un temple de Paul Delapoterie (7 rue des Asters, Ginebra).

Le agradeceré escriba unas líneas a los artistas cuya dirección le indico (Duarte y Blazek son españoles, Delapoterie es suizo). A los demás ya les escribí usted.

Trataré de obtener unas cosas más para el museo. Estas serán enviadas a París y de allí a Santiago por LAN Chile.

Espero tener noticias suyas sobre la marcha del



Museo. No hay duda de que va a lograr usted algo único en América Latina.

Destándole felices Pascuas y Año Nuevo, así como a todos los amigos, le mando un fuerte y cariñoso abrazo.

XAVIER FLORES

Así manifiestan los artistas del mundo su solidaridad con Chile, su fe en el proceso que vive nuestro pueblo.

Esa confianza no puede ser defraudada.

Para habilitar el local que contenga las obras de los artistas más famosos de nuestra época, es decir para dotar al Museo de la Solidaridad de una sede permanente, existe una viña casera en el Parque O'Higgins.

¿Qué mejor lugar que ese parque para el Museo de la Solidaridad? Ese es el recinto al que arduen las familias de trabajadores, los jóvenes, los estudiantes a buscar esparcimiento, buen aire, ambiente grato.

Habilitar esa casena requiere un presupuesto aproximado de dieciocho millones de escudos. No es una cifra muy alta si se considera que se trata de un local que tendrá obras de valor incalculable: solo el cuadro de Miró está avaluado en medio millón de dólares.

Los arquitectos de CORMU que han hecho el plan para reformar la casa contemplan todas las medidas de seguridad y protección a esas obras del arte contemporáneo.

El pueblo de Chile debe exigir que esa habilitación se haga dentro del plazo mínimo que materialmente requiere una obra de esa envergadura.

Debe exigir que las obras que ya han llegado a Chile se mantengan no arribadas, amontonadas en un desván, sino cuidadosamente guardadas en un lugar donde no las pueda afectar ningún accidente imprevisto: ni incendio ni inundación.

El pueblo de Chile debe exigir que a medida que vayan llegando nuevos envíos se expongan al público e el edificio Gabriela Mistral, ex UNCTAD, con toda la protección que tales tesoros merecen.

El pueblo de Chile es el dueño de ese patrimonio que los artistas del mundo donan como testimonio de admiración a nuestras luchas.

El pueblo de Chile no puede menospreciar tan valiosos presentes.

El pueblo de Chile debe ser el colaborador más cercano al quilote que se llama Mario Pedrosa y a cuya iniciativa se debe tener lo mejor de la pintura contemporánea en nuestro país.

Centro de Arte y Museo Pedrosa  
 Avenida Américo  
 Encuentro Américo

1990 o museu reabriu, então em sua terceira etapa. A segunda etapa fora sua transformação em Museu Internacional da Resistência Salvador Allende após o golpe militar de 1973, que se tornou um organismo ainda mais descentralizado, com sedes e exposições temporárias realizadas em diversos países. Em 1979 existiam representações do MIRSA em Cuba, México, Venezuela, Panamá, Colômbia, França, Espanha, Suécia, Finlândia e Polônia, além de uma seção africana que seria inaugurada logo depois.<sup>3</sup>

Do mesmo modo, a proposta de Pedrosa para que se criasse com as doações das obras um “museu de arte moderna e experimental” está diretamente relacionada com seu pensamento sobre a produção artística do período em diferentes níveis. Como relata Dore Ashton, além de refletir a noção de democracia pluralista de Allende, a proposta fazia “uma distinção histórica que separava as obras dos artistas de renome pertencentes às mais importantes correntes da arte moderna europeia daquelas dos artistas mais jovens e experimentais”<sup>4</sup> – a noção de uma arte “pós-moderna”, que Pedrosa define em relação à produção de Hélio Oiticica.<sup>5</sup> O Museu da Solidariedade pode ser visto também como um ponto de inflexão na prática curatorial de Pedrosa, já que é um vislumbre do que seria sua proposta para o Museu das Origens, formulada em 1978, depois do incêndio do MAM-Rio.<sup>6</sup>

Revisitar essa história hoje, é também buscar fios de solidariedades e afetos em tempos tão sombrios de assassinatos, prisões arbitrárias e fascismos emergentes, e lembrar que há não muito tempo existiu um projeto que buscou reunir artistas de todo o mundo em prol de uma política afirmativa, de um embate de Davi contra Golias, como afirmou Pedrosa em carta a Dore Ashton, coordenadora do C.I.S.A.C. nos Estados Unidos.<sup>7</sup> Do mesmo modo, pensar um museu da solidariedade é também uma das possibilidades para o futuro do recém-incendiado Museu Nacional, que já recebe diversas ofertas de doações de diversas regiões do mundo e de povos originários do Brasil. Outro infame incêndio museal carioca, o do MAM, completou recentemente 40 anos e teve Mário Pedrosa como liderança numa tentativa de reconstruí-lo sobre novas bases – o Museu das Origens, mencionado acima – que, entretanto, não foi adiante. Pensar a solidariedade museal hoje em dia é pensar também as relações dessas instituições com os povos do país, que agora poderão, esperamos, entrar pela porta da frente do Museu Nacional.

**3** Sobre a história e desdobramentos do Museu da Solidariedade e do Museu Internacional da Resistência Salvador Allende, ver Macchiavello, op. cit.

**4** Dore, Ashton. El ejercicio crítico de la libertad. In: 40 años Museo de la Solidaridad por Chile – fraternidad, arte y política 1971-1973 [catálogo de exposição]. Santiago: MSSA, 2012: 36.

**5** Pedrosa, Mário. Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica. In: Oiticica, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986: 9-13.

**6** Ver: Sommer, Michelle. Nós, os bugres das baixas latitudes e adjacências. In: *Desterros, Terreiros: pós-cadernos 2*. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes; Editora Circuito, 2017: 122.

**7** “Pedrosa utilizava a imagem de Davi e Golias para se referir ao esforço realizado pelo Chile – pequeno e pobre como o pastor bíblico – de sair de seu estado de dependência, ‘permanentemente ameaçado pelo gigante imperialista, Golias’”. Macchiavello, op. cit.: 37 (tradução nossa).





**INSTITUTO DE ARTE LATINOAMERICANO**

FACULTAD DE BELLAS ARTES - UNIVERSIDAD DE CHILE

COYANCURA N° 2241 - TELEFONO 460207

SANTIAGO - CHILE

DECLARACION NECESARIA

- 1.-La formación del C.I.S.A.C. se funda en el hecho de que artistas plásticos de renombre mundial hicieron llegar al Presidente Allende su deseo de ofrecerle obras suyas como señal de simpatía por las reformas revolucionarias que su gobierno realiza en Chile. El Comité confía que el gesto de esos artistas, no es un gesto aislado de algunos, sino más bien corresponde a un rasgo común a la colectividad artística contemporánea. Esa comunidad está dedicada en su íntimo, al ideal de una sociedad más justa, más libre y más humana que la que prevalece actualmente en la mayor parte del mundo.
- 2.-Los artistas jamás escondieron sus simpatías por los diversos movimientos de emancipación social que se han desarrollado en el curso de la historia, y cada vez con mayor frecuencia, a partir del siglo XIX. En su esencia, el socialismo no es sólo la bandera natural de las clases proletarias, la de artistas, científicos, intelectuales, quienes más intensamente que en cualquier otra época, sienten en la sociedad actual, que aquello que producen o crean es de algún modo desvirtuado en su espíritu y esencia, cuando para su difusión y circulación es incorporado como mercancía en el circuito del mercado capitalista.





## INSTITUTO DE ARTE LATINOAMERICANO

FACULTAD DE BELLAS ARTES - UNIVERSIDAD DE CHILE

COYANCURA N° 2241 - TELEFONO 460207

SANTIAGO - CHILE

-2-

- 3.- Los artistas no pueden mirar con indiferencia que sus pinturas, sus esculturas, sus creaciones sean monopolizadas para el goce estético de coleccionistas privilegiados que las pueden comprar; al contrario aspiran a que estén allí donde su acceso al público sea el más amplio y las condiciones de apreciación las más fáciles. Aspiran también a que sus obras no se queden confinadas en el área metropolitana de los países ricos y adelantados del hemisferio nor-occidental, sino que en profusión lleguen a las grandes áreas desprivilegiadas del Tercer Mundo. Chile es representativo de todo ese mundo subdesarrollado y, en su sagrada revolución contra la submisión, pretende ofrecer las condiciones, las mejores para tornarse en un centro cultural auténtico al servicio de su pueblo y de los pueblos hermanos de América Latina.
- 4.- Los trabajadores de la cultura de casi todos los países vuelven por eso mismo para el Chile de hoy lleno de esperanzas. "La vía chilena del socialismo", tal como fue definida por el Presidente Allende, es lo que mueve a la mayoría de ellos a regalar al pueblo de Chile con los frutos de su poder creativo. Y lo hacen sin ninguna opción de partidismo político o sectario. Si hay política en su acción, es política en el más alto sentido del vocablo, es decir, en un sentido eminentemente ético, humanista y x libertario.





**INSTITUTO DE ARTE LATINOAMERICANO**

FACULTAD DE BELLAS ARTES - UNIVERSIDAD DE CHILE

COYANCURA N° 2241 - TELEFONO 460207

SANTIAGO - CHILE

-3-

5:-El C.I.S.A.C., al tomar la iniciativa de la presente declaración, lo hace por su cuenta, movido por profundos sentimientos de gratitud y respecto por los artistas que ahora, en su dominio específico se solidarizan con Chile. Y ese sentimiento el Comité lo expresa, precisamente, cuando intenta traducir, burdamente, en palabras lo que ellos hacen sencillamente por actos: con sus obras.

Santiago, Noviembre de 1971

## DECLARAÇÃO NECESSÁRIA

1. A formação do C.I.S.A.C. funda-se no fato de que artistas plásticos de renome mundial fizeram chegar ao Presidente Allende seu desejo de lhe oferecer obras suas como sinal de simpatia pelas reformas revolucionárias que seu governo realiza no Chile. O Comitê confia que o gesto desses artistas não é isolado de alguns, correspondendo melhor a uma característica comum à coletividade artística contemporânea. Essa comunidade está dedicada em seu íntimo ao ideal de uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana do que a que prevalece atualmente na maior parte do mundo.

2. Os artistas jamais esconderam suas simpatias pelos diversos movimentos de emancipação social que se desenrolaram no curso da história, e cada vez com maior frequência, a partir do século XIX. Em sua essência, o socialismo não é só a bandeira natural das classes proletárias, dos artistas, cientistas, intelectuais que, mais intensamente do que em qualquer outra época, sentem que aquilo que produzem ou criam na sociedade atual é de algum modo desvirtuado de seu espírito e essência quando, para sua difusão e circulação, é incorporado como mercadoria no circuito do mercado capitalista.

3. Os artistas não podem sentir indiferença com o fato de que suas pinturas, suas esculturas, suas criações sejam monopolizadas para o gozo estético de colecionadores privilegiados que as podem comprar; ao contrário, aspiram a que estejam onde seu acesso ao público seja o mais amplo e as condições de apreciação as mais fáceis. Aspiram também a que suas obras não fiquem confinadas nas áreas metropolitanas dos países ricos e avançados do hemisfério norte-ocidental, mas antes que cheguem em profusão às grandes áreas desprivilegiadas do Terceiro Mundo. O Chile é representativo de todo esse mundo subdesenvolvido e, em sua sagrada revolução contra a submissão, pretende oferecer condições, as melhores possíveis, para se tornar um autêntico centro cultural a serviço de seu povo e dos povos irmãos da América Latina.

4. Os trabalhadores da cultura de quase todos os países se voltam por isso mesmo e cheios de esperanças para o Chile de hoje. "A via chilena do socialismo", tal como foi definida pelo Presidente Allende, é o que move a maioria deles a presentear o povo do Chile com o fruto de seu poder criativo. E o fazem sem nenhuma opção de partidarismo político ou sectário. Se há política em sua ação, é política no mais alto sentido do termo, quer dizer, um sentido eminentemente ético, humanista e libertário.

5. O C.I.S.A.C., ao tomar a iniciativa da presente declaração, o faz por sua conta, movido por profundos sentimentos de gratidão e respeito pelos artistas que agora, em seu domínio específico, se solidarizam com o Chile. E esse sentimento o Comitê o expressa, precisamente, quando tenta traduzir, grosseiramente, em palavras o que eles fazem de maneira simples por atos: com suas obras.

Santiago, novembro de 1971





## A LOS ARTISTAS DEL MUNDO

En nombre del pueblo y del Gobierno de Chile, hago llegar mi emocionada gratitud a los artistas que han donado sus obras para constituir la base del futuro Museo de la Solidaridad. Se trata, sin duda, de un acontecimiento excepcional, que inaugura un tipo de relación inédita entre los creadores de la obra artística y el público. En efecto, el Museo de la Solidaridad con Chile - que se establecerá luego en el edificio de la UNCTAD III - será el primero que, en un país del Tercer Mundo, por voluntad de los propios artistas, acerque las manifestaciones más altas de la plástica contemporánea, a las grandes masas populares.

Me conmueve muy particularmente esta noble forma de contribución al proceso de transformación que Chile ha iniciado como medio de afirmar su soberanía, movilizar sus recursos y acelerar el desarrollo material y espiritual de sus gentes. Representan estas las condiciones para avanzar en el camino hacia el socialismo que ha elegido el pueblo con cabal conciencia de su destino.


Los artistas del mundo han sabido interpretar ese sentido profundo del estilo chileno de lucha por la liberación nacional y, en un gesto único en la trayectoria cultural, han decidido, espontáneamente, obsequiar esta magnífica colección de obras maestras para el disfrute



de ciudadanos de un lejano país que, de otro modo, difícilmente tendrían acceso a ellas. ¿Cómo no sentir, al par que una encendida emoción y una profunda gratitud, que hemos contraído un solemne compromiso, la obligación de corresponder a esa solidaridad?

Ese compromiso, que asumimos con absoluta confianza en las fuerzas de nuestro pueblo y en el apoyo que nos brindan nuestros amigos, es de perseverar sin desmayo en el proceso emprendido con el triunfo cívico de la Unidad Popular esencialmente destinado al hombre - pueblo para incorporarlo en condiciones dignas también al campo de la cultura. El Museo de la Solidaridad y la amistad de los artistas aquí representados constituye ya, uno de los frutos más puros de nuestra empresa de liberación nacional.

Mi agradecimiento, por último, a los miembros del Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile, que han tomado a su cargo la generosa tarea de coordinar y organizar la labor para que las obras de los artistas del mundo llegasen a nuestra tierra.

  
SALVADOR ALLENDE G.  
Presidente de la República de Chile.



## AOS ARTISTAS DO MUNDO

Em nome do povo e do governo do Chile, faço chegar minha emocionada gratidão aos artistas que doaram suas obras para constituir a base do futuro Museu da Solidariedade. Trata-se, sem dúvida, de um acontecimento excepcional, que inaugura um tipo de relação inédita entre os criadores da obra artística e o público. Com efeito, o Museu da Solidariedade com o Chile – que logo será estabelecido no edifício da UNCTAD III – será o primeiro que, em um país do Terceiro Mundo, por vontade dos próprios artistas, aproximará as mais elevadas manifestações da plástica contemporânea às grandes massas populares.

Me comove muito particularmente essa nobre forma de contribuição ao processo de transformação que o Chile iniciou como meio de afirmar sua soberania, mobilizar seus recursos e acelerar o desenvolvimento material e espiritual de suas gentes, que representam as condições para avançar no caminho para o socialismo que o povo escolheu com cabal consciência de seu destino.

Os artistas do mundo souberam interpretar esse sentido profundo do estilo chileno de luta pela libertação nacional e, em gesto único na trajetória cultural, decidiram, espontaneamente, presentear essa magnífica coleção de obras-primas para desfrute de cidadãos de um país longínquo que, de outro modo, dificilmente teriam acesso a elas. Como não sentir, junto com uma radiante emoção e uma profunda gratidão, que contraímos um solene compromisso, a obrigação de corresponder a essa solidariedade?

Esse compromisso, que assumimos com absoluta confiança nas forças de nosso povo e no apoio que nos dão nossos amigos, é o de perseverar sem esmorecimento no processo empreendido com o triunfo cívico da Unidade Popular, essencialmente destinado ao homem-povo, para incorporá-lo em condições dignas também ao campo da cultura. O Museu da Solidariedade e a amizade dos artistas aqui representados já constituem um dos frutos mais puros de nosso empreendimento de libertação nacional.

Meu agradecimento, por último, aos membros do Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile, que tomaram para si a generosa tarefa de coordenar e organizar o trabalho para que as obras dos artistas do mundo chegassem a nossa terra.

Salvador Allende G.  
Presidente da República do Chile



# Gran Exposición del Museo de la Solidaridad



"¿Qué significado tendría para los chilenos de hoy un museo hecho en los inicios de nuestra república con donaciones de los mejores artistas del mundo de ese tiempo? El Museo de la Solidaridad será debidamente equilibrado, acaso por las generaciones venideras, ya que nosotros no hemos demostrado estar a la altura de tan generosa donación", expresó Enrique Rivera, director del Departamento de Cultura de la Presidencia de la República en la inauguración de la segunda exposición del Museo de la Solidaridad. Un centenar de

personas asistió a este acto. Entre las personalidades presentes se encontraban el senador Volodia Teitelboim, Enrique Schepeler, fiscal del Banco Central, Graciela Uribe, secretaria de la Sede Cultural, Armando Castiglioni, decano de la Facultad de Filosofía.

Un magnífico montaje de la muestra, a cargo de Mario Pedrosa, permite destacar la calidad de las obras donadas. El cuadro de Miró, una obra de Pignon, una escultura de Calder, obras de los estadounidenses Frank Stella, Quaytman, un tapiz de Lurcat, los trabajos del austriaco Hans Glauber, un gran cuadro del mexicano Terrazas, una obra de los italianos Carlo Levi y Cagli, son algunas de las valiosas piezas que se exhiben en el Museo de Arte Contemporáneo, Quinta Normal.

José Balmes, decano de la Facultad de Bellas Artes, señaló que el Presidente de la República ha designado un lugar definitivo en el Parque O'Higgins para sede definitiva del Museo de la Solidaridad "que será en esencia un museo de arte moderno y experimental para que esté en contacto vivo con el pueblo chileno en forma permanente".

Balmes dijo que había un gran interés en esta inauguración. José María Moreno y Galván, creador



Por Virginia VIDAL

de la idea del Museo y responsable del envío de una obra de Miró a Chile. Ahora Moreno y Galván está en la cárcel, en España. El ha dicho que todo intelectual debe ser un hombre, públicamente responsable. Lo ha sido y ahora sufre las consecuencias con entereza y dignidad. Es tarea de los intelectuales chilenos hacerle llegar su solidaridad esta vez.

El miércoles 23 se inaugurará a las 12 horas la tercera exposición del Museo de la Solidaridad en el edificio Gabriela Mistral. A ese acto asistirá el Presidente Salvador Allende.

En el Museo de Arte Contemporáneo se exhibe también la donación de afiches de protesta estadounidenses donados a Chile. Los grandes temas son: la guerra de Vietnam, la lucha contra el racismo, las reivindicaciones de los movimientos feministas de liberación.

Enrique Rivera

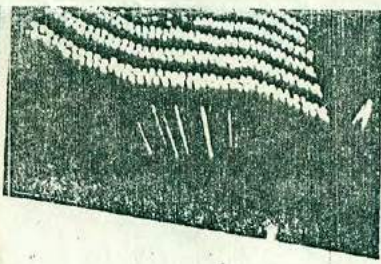
VER

Artista Expuestos

Sede del Museo

Exp. en la Gabriela Mistral

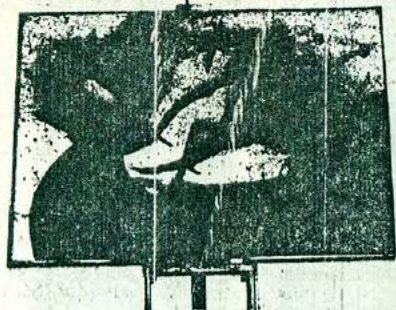
YUERA



ALL WOMEN ARE CREATED

EQUAL

homenaje a Miró y a todos los artistas donantes.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dore, Ashton. *El ejercicio crítico de la libertad*. Em: 40 años Museo de la Solidaridad por Chile – fraternidad, arte y política 1971-1973 [catálogo de exposição]. Santiago: MSSA, 2012.

Macchiavello, Carla. *Un caso de resistencia colectiva: el Museo de la Solidaridad Salvador Allende*. Em: A los artistas del mundo... Museo de la Solidaridad Salvador Allende, México/ Chile 1971-1977 [catálogo de exposição]. Cidade do México: Editorial RM, 2016.

Pedrosa, Mário. *Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica*. Em: Oiticica, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Sommer, Michelle. *Nós, os bugres das baixas latitudes e adjacências*. Em: Desterros, Terreiros: pós cadernos 2. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes; Editora Circuito, 2017 (co-ed.).

## DOCUMENTOS GENTILMENTE CEDIDOS PELO MUSEU DA SOLIDARIEDADE SALVADOR ALLENDE (em ordem de entrada no dossiê):

Recorte de jornal “El pueblo de Chile debe poner en marcha el Museo de la Solidaridad”, El Siglo, 23 de dezembro de 1972, Santiago, Chile. Fondo Solidaridad, Archivo MSSA.

Documento “Declaración necesaria”, novembro de 1971, Santiago, Chile. Fondo Solidaridad, Archivo MSSA.

Carta de Salvador Allende “A los artistas del mundo”, Santiago, Chile. Fondo Solidaridad, Archivo MSSA.

Recorte de jornal, coluna “No solo de pan...” de Virginia Vidal, El Siglo, 23 de abril de 1973, Santiago, Chile. Fondo Solidaridad, Archivo MSSA.